

שמעו!

P 74      Bueno, Matheus Steinberg.  
Ouvi!.  
São Paulo: Edições Neûron, 2017.

74 p.; 20x 20 cm  
ISBN 978-85-391-0838-1

1. Literatura Brasileira. 2. Poesia.

OUVI!

*Capa*  
Janaína Madeira

*Conselho editorial*  
Antonio Vicente Seraphim Pietroforte  
Rodrigo Bravo

1ª edição: 2017

**Ouvi!**

**שמעו!**

**Matheus Steinberg Bueno**  
**מתתיהו שטיינברג בואנו**



# Conhecer Matheus Steinberg Bueno

Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE

Conhecer Matheus S. B. depende de uma boa dose de vitamina...

Faz algum tempo, quando comecei a ler e a estudar a Literatura Brasileira Contemporânea, elaborei um sistema básico, formado por quatro regimes de realização poética. Isso faz tempo, quase dez anos atrás... eu buscava sistematizar, sob um mínimo denominador formal, as poesias concreta e *beat*, que eu acreditava serem as influências mais presentes nos poetas de nossos tempos. Para os adeptos da dialética, a síntese entre duas análises... para os adeptos da semiótica, a complexificação entre dois termos contrários.

Pensando que o poeta pode afirmar a descontinuidade das linguagens verbais, revelando as articulações linguísticas que sustentam o léxico e a sintaxe, ou, contrariamente, afirmar sua continuidade por meio de fluxos prosódicos, deduzi dois regimes de fazer poesia: (1) o regime dos poetas linguistas, aqueles que desmontam o verbo por meio de imagens, como se a poesia fosse pintura; (2) o regime dos poetas pregadores, que fazem poesia por meio de temas e variações, como se

fosse música. Em termos mais específicos, poetas concretos e poetas *beats*, respectivamente.

Esses dois limites definem um eixo de realização poética, que admite mais dois regimes: (3) os poetas conversadores, que negam a desconstrução poética dos linguistas, aproximando a poesia da fala; (4) os poetas arquitetos, que negam a prosódia desbragada dos poetas pregadores por meio de versos metrificados e de formas fixas, como sonetos, *haikai*, etc.

Meu amigo Matheus, sem dúvida, é poeta pregador; sua verve se concentra no fluxo prosódico e seus desdobramentos. Todavia, embora seu modo de composição o aproxime da poesia *beat* e do jazz – Matheus é pianista, conhece música de verdade, não a lamentável MPB de sempre –, sua pregação não segue o budismo ou os estados alterados de consciência via drogas alucinógenas. Matheus segue pela mística judaica e suas drogas são bem mais corrosivas do que o peiote.

Em 2016, o poeta Moacir Amâncio publicou *Matula*; creio seja o primeiro livro de poemas, em língua portuguesa, de ação afirmativa do judaísmo. Longe da imagem do judeu fraco e alquebrado pelo holocausto e pelas perseguições dos cristãos – os eternos fascistas, sempre dispostos a exterminar aqueles que discordam de seus valores espúrios –, o judeu de *Matula* é forte, está disposto a resistir, como no cerco de Masada.

Deixando-se influenciar por *Matula*, Matheus, em vez de seguir pelas arquiteturas de Moacir Amâncio, faz a versão *beatnik* da resistência israelita. Matheus me lembra outro judeu, o saxofonista John Zorn e sua estética do novo poder judaico. Mas não se engane, caro leitor, Matheus não é um Rabino; além da vodca muitas coisas correm naquelas veias. Quem souber lerá nas entrelinhas dos versos...





## Dedicatória

Escrevo ao *phílos* deste livro em gene de Sião  
(Ciência em função da relatividade)  
Pela linguagem que nas Eras  
Estabeleceu o Maximalismo.

Ao *phílos* que agarrou o  
Verbo & à Dádiva  
Atrelou-se à alegoria das  
Imagens singulares para  
Ser  
Um ser moldado pelo  
Sopro que livrou o  
Verbo.

Sua boca é o dique dos  
Neurônios criado à contenção dos  
Astros que rompido escorre  
O leite – sem parar – em finas orlas  
Que prenunciam sucessões de Erros  
& o Mel tão tátil quanto o dáctilo que  
Se oculta a se perder de vista  
No cume acima do alto da Palavra  
Mínima.

## ✦ Teogonia Massorética

A hebraica Teogonia é o  
Silêncio o cálido Sopro & o  
Verbo.

Vasta cósmica matéria  
Enorme Massa atômica  
& numerosa terra assinalada  
Com ânsia ímpar aguardavam a moldura  
A formulação das possíveis dimensões  
& o Sul sondava o Norte tal o Leste  
Se espreitava a Oeste.

Cortando o abismo o Nilo  
Celestial ainda alvo e profundo  
Queria sua sina de fertilizar.

Mas a silhueta *Omniformis* esperou  
Cerrada em Si tecendo a  
Equação fundamental.

& Suas visões primordiais se  
Esvaziaram ao instante do triunfo ao  
Som Primeiro...

& tal soar inevitável da  
Palavra Una Criadora era o  
✂ desmembrado em cinco –

A coroa	E
O corpo	=
Atravessa &	M
Abaixo o certoiro	C
Fim	2

## בראשית ג: ט ב

As carcaças roídas expelem saliência sob a  
Terra

O suspiro poente seda a sensação e traz a  
Razão em passos servis no teso entendimento do  
Abismo.

O funil de almas é uma leve verve & verte a vida em  
Verso

Feiticeiros da sonora fúria os vermes flácidos  
Traçando o corpo quieto & comportado no  
Caixão.

Brandi a faca outrora e o tiro arrematou  
Tecidos

A *Psyké* se arremessou com a criptógama cápsula  
Vazia da espingarda – O rombo na cabeça é impacto  
Senil.

Tesa & anil minha *poikilia* trama taciturnas  
Tessituras  
No velório ermo do indigente & descalça de severidade  
Alça a partitura na sinistra & sacra valsa dos  
Adeuses.

Já vejo Daniel Sansão & Gaia – sou o quarto  
Homem  
Na fornalha do deserto multifacetado de  
Famélicas feições de um fissurado  
Caos.

& refeito após a morte respiro novamente o  
Sopro –  
Com o suor do teu Cálamo tecerá teus versos até que  
À terra retornes porquanto és pó & ao pó  
Tornarás.

## § 80



Não mais do que comum é a condição humana.

A Musa quando incinerada ao pôr-do-sol  
No Sono mítico de Tântatos ensaia  
Seus últimos suspiros.

Teci denúncias de imperícia da sintaxe  
Irado convergi o verso livre em metro  
Matei a sensação valise de não-ser –  
Logrei somente pedras.

Resta o intento mais irônico –  
A emulação sarcástica do tema  
Variando apenas modo e meio a  
Fim de que se teça o Verbo sobre a  
Face oblíqua deste pôr-do-sol que  
*Salt'tomba* enamorado da existência.

♫

É madrugada e o sono escapa  
Escapelado pela papelada  
Que vozes são tais vozes que inescuto  
Ensurdecido pelo tácito silêncio?  
Que vozes que tal gesto de esganar  
Me esfacelam tal a mim julgassem  
Ser da experiência meríssimo vassalo?

A meio-fio adentro o  
Estado de  
Desassossego em  
Suspensão  
Pairando enleio os  
Fios esparsos do que  
Jamais será porquanto  
Foi  
Num lapso que se  
Relembra como apenas

Pausa...

Resquícios enervados de  
Gestos que não fiz nas  
Horas que dobraram o  
Espaço.

Deito ao parapeito e constato o  
Substrato cósmico que  
Inescapável cerca  
Ínfimo planeta  
Inexistindo o próprio  
Nada do outro lado desta  
Esfera.

Conheço enfim a sensação de estar  
Mirado sob a óptica do microscópio.

7

O limite da luz que a vista  
Alcança é similar a uma  
Calefação que se perfaz em  
Soma – tangente soma que  
Resvala o Infinito Ilimitado.



Soma que contém no estreito  
Catre temporal intermináveis  
Movimentos –

Rapinas com linguagem rasa as ruas ermas  
Arrasam vísceras do Prometeu Acorrentado  
O nêutron trama suas nervuras procurando o  
Desterrado átomo da terra  
Vazio e solitário enterra a si  
Desiste da incansável inspeção  
Do vago núcleo dissolvendo a luz  
No encaço da velocidade dos impactos.

Maquinarias inconstantes  
Variáveis em sua própria  
Infinita variação mas eis estrofe abaixo!

Doze linhas sobre a Sarça Ardente  
Em harmonia vão se materializando  
Até formar a única constante do  
Universo – Gravidade!

Gravidade selará os pontos mais  
Distantes das constantes cósmicas do

Verso

Gravidade é mais que desvario é

Força impelidora que a nós

Desavisados dos

Desvios desvia à

Constância à

Exatidão do significante à

Máxima abrangência dos

Inúmeros significados do

Nome que quando materializado é

Força proporcional ao produto da massa

Inversamente proporcional ao quadrado da

Separação –

Seja Luz & viu que a Luz era boa & fez

Separação entre Luz & Trevas –

Mas gravidade é

Força que vislumbra a

Face sobre as águas & desconhece o

Verbo transbordar – que não ocorre em

בראשית – Exímio no ofício de conter em Si

Totalidade.

## ¶ Salmo 137

David – pergunto –  
Qual seria o vento do monarca?  
Acaso é a tormenta que numerosos  
Sábios levou do barro das nações ao Ouro?

Matisyahu – responde –  
Fora a tormenta  
Nenhum vento é o do Monarca  
O Sopro é Indivisível.

Pois se porventura meus tendões deixarem de  
Servir ao sumo-racional e assim tecerem  
Olvidos  
Que a *Psykhé* deixe a vestimenta versada do Verbo  
Deixe também de pensar as nuances  
Noturnas  
& deixe de habitar minha língua a  
Ira a  
Astúcia  
& junto a jornada de meu  
Verbo.

Porquanto é certo o  
Retorno  
Está aqui se arejando na areia do  
Sinai  
Guardando o mel  
& sorvendo o leite.

Sabe a planta o vento do  
Monarca que a visita pois a  
Semente das eras bélicas fermentou-se em  
Fornos e tragou o gás para soltar  
Reconstrução  
& mesmo os nomes em profanas  
Línguas ou a torpe ação da lâmina em uma  
Dúzia de bosques não impediu a  
Voz piedosa da  
Pronúncia inenarrável da  
Lei.

Portanto que não me caia no  
Oblívio a dourada tessitura dos  
Tecidos deste deserto em que chove  
Sapiência após o Sopro para semearem-se as  
Cantigas da Sarça & a dura  
Casca sob o corpo atravessado.

## ה Enigma

Decifro em בראשית Divina Voz  
Falar porém não é Sua natureza  
Seu Sopro assoma tácito & feroz  
O barro enfastiado em Sua leveza.  
Das horas em compasso no intervalo  
Fulgura soberano e Se perfaz  
Em soma da cadência sóbrio abala  
Ausências & dos ermos Se refaz.  
Da Sarça do Sinai a brasa à míngua  
Porém sem proclamar palavra alguma  
Desata e incendeia a Própria Língua.  
& tácito diz Luz após a bruma  
Acesa ao בראשית em breve sumo  
Voraz e flamejante do desplume.

## ¶ Lenhador

Vai o Lenhador da  
Estepe empedrada enquanto a  
Babilônia explode a  
Cartago de mal-afortunada Dido  
Atrás de si.

Mas ele vai e vai &  
Caminha.

Buscando a  
Terra Prometida e se embebedando da  
Sarça no  
Cume mais alto do  
Fogo Divino.

& ao tragar fadiga destas ímpias  
Fantasias que são mó de trigo em trigo  
Triturando pousou à tibia a  
Férrea mão que empunha  
Traços e as garras harpias que abrem  
Caminho na floresta de

Pinhei-  
Ros se  
Curvando ante a ventania múltipla.

Louva com seu machete ao tombar  
Troncos de tormento – o trabalho artístico  
Extração do óleo puro da Menorá  
Purgadora de imundícies – sua  
Oferta genuína ao  
Sacro sacramento que  
Apronta os fortes às  
Delícias.

Consciente de que a entrega inconteste  
Reserva seu lugar nas hostes radiantes da  
Eclesiástica radiação  
Leva sobre as  
Costas cada  
Galho caule flor & pólen ao altar da  
Inquisição  
Convidando a uma  
Secreta comunhão de  
Tronos Virtude e Dominação todos que foram  
Atravessados pela  
Adaga cristalina.

Mas desta vez condenado a como o  
Nazareno críspar a sua morte o  
Mártir-Lenhador chora as dores de  
Ezequiel.

& ao despontar da  
Vênus sibilante foi sua  
Nudez herege que recebeu a benção  
להדליק נר של שבת  
Das Matriarcas em  
Jerusalém.



## ✦ Retornar

Porque espero retornar mesmo  
Descrente dos fascínios e crendo  
Ser o homem um despertar do homem  
Coletivo à racionalidade mesmo que  
Desperto veja apenas sob aspirante  
Estrela – que  
Expande & estreita  
Inspira & aspira  
Ao ponto novamente em que  
Repona & poussa  
Aquietada.

Porque espero retornar ao  
Silêncio condensado da antiga  
Sapiência propenso a edificar o  
Pensamento que por si só é  
Maximalista persigo ainda cego  
O Único Poder fugaz e verdadeiro  
Sopro.

Sussurrante o Indescriível em  
Fumaça espessa expressa pela  
Sarça que o real somente existe se  
Cerrado às contenções do  
Tempo & Espaço – destarte  
Espero edificar colossos aos quais  
A um dia cíclico eu possa embriagar-me.

Em resposta peço que Se compadeça  
Destes longos versos desejosos de  
Aplacar celestiais espaços & porque  
Espero ainda retornar a estas palavras que  
Feitas nunca mais serão refeitas  
Peço que a sentença por demais não  
Pese sobre nós que não domamos  
Concisão & nem perícia em  
Razão de nosso vício impetuoso em  
Descrever a insaciedade que nos doma com  
Sagacidade mas que nos ensine imploro a  
Triturar desvelo & menosprezo a  
Estar a postos sossegados.

Pois Tu ó mudo amansador de  
Minotauro & Leviatã  
Entre a explosão e a retenção Te  
Deleitaste soberano equacionando o  
Verbo da Tua própria criação  
Tomaste as indomáveis águas em  
Minério gás & líquido atrás da  
Tenda faiscante à treva abrasadora.

Mas a fonte jorrou água e em dois  
Partiu-se o Mar com um cajado apenas  
& fértil Nilo  
Com uma só Palavra se fez sangue.

Conquanto ainda espere retornar  
Flutuo  
O lucro de compor e o prejuízo  
Do tempo abandonar intercalando  
Os sonhos tripartites que se cruzam

Vorazes e sozinhos entre as vozes  
Que o odor salgado das areias  
Velozes maresias não desejam  
Sequer extravasarem o ensejo

Ainda que azuladas pela vasta  
& tão rebelde Voz que ousou Criar  
Do nada o Próprio nado para ao fim  
Criar por entre as rochas o espírito  
Da fonte do jardim e das imagens

&

Permite que meu verso chegue a Ti...

## ▮ Retorno

Há quantas Eras ó Jerusalém  
Os vis te mantiveram exilada  
& o sonho em vão recanto esteve oculto.  
O espírito Anussim porém por mesmo  
Incerto não ousou te renegar  
& o rio que o mergulharam não logrou  
A alma de Israel tomar a si.  
Tu segues a memória – inda que turva –  
& orgulha-se cumprindo os Mandamentos.  
Vê bem – Rodrigo Bravo – que o Arbusto  
Há tanto tempo oculto ao ler teus versos  
Lembrou-se da Divina semelhança.  
Tomou à Musa tua a Voz & o Verbo  
A fim de a ti vibrar certos Versos.

## ↳ Fundação

Fundou Paulo de Tarso por sua fábula  
Alucinante um tal fenecimento  
Pois Roma pisará  
O calo de Israel.  
Fumaça na capela findará  
Um ciclo inaugurando perversão  
– Vossa Trindade Santa  
Findará os escolhidos? –  
Recuso a me curvar a um deus que é três –  
Sequer a matemática lhe apraz  
Tamanha insipiência  
Aos servos seus requer.  
Que venham do batismo imundas águas  
& queime o meu flagelo na fogueira  
Sorrindo voltarei  
À casa de meus pais.  
Razão agora jaz crucificada  
& o ouro acumulado se amontoa  
Com sangue maculado  
Em lixo clerical.

## ▯ Senso & Sombra

O senso – cujo epíteto é luminescência –  
& a sombra – cujo epíteto é insipiência –  
    Laçados da defunta solidão o enlace  
    Lançaram à celeste colisão dos astros.  
Do Verbo possuíam por cesura imenso  
    Espaço renegado à emanção eterna  
    Tal brasa saltitante que da Sarça expele  
Ao Cálamo do verso a mais exata métrica.  
Faminta pela hóstia a sombra encontra o noivo  
A espada em cruz com cruciado olhar espera  
    Selando a sina eleita atravessar o senso.  
O senso pelo incêndio os renegados olhos  
De quem está esperando a esperança mínima  
Com mudo imenso grito de quem morre aquece.

## קדיש ב

Aparição da Musa e da Memória  
Perplexo estonteante abato o caminhar  
Luzes de domingo!  
O Presidente acende a oitava vela  
Comitiva de corruptos aplaudem sua  
Demagógica corruptela do Sagrado.

Primeiro ano sem ti mas  
Pouco importa aos que transformam  
Templos em Bancadas sem um pingo de  
Vergonha.

Quem se importa que ficamos de fora?  
Quem se importa que as cadeiras dos  
Sobreviventes recebem jugo impositivo  
& sustentam os mesmos bolsos que  
Encerram esperanças?



O pai do Rabino e o  
Próprio Rabino também  
Segregados pela estirpe de corruptos  
Recordam meu *Bar-Mitsvá*  
Tragando seu charuto o velho homem cujos  
Olhos viram até mesmo o invisível diz –  
Ponha o *Tefilin* vamos fazer um *Kadish* para Gita  
Ao menos três *miniánim* nesta calçada  
E uma força impiedosa doma a sua fala –

Ai dos que corrompem a memória  
Estendem sobre o assento sua corrupção e  
Expulsam velhos e crianças do exilador de sua  
Díaspóra pois aqueles que traem seu próprio povo em  
Nome dos políticos serão os condutores do  
Degredo –

Empunho meus tendões e o  
Pulso dobra os dedos  
Agarrando tal filho o *Tefilin*.

Infância vertendo na visão  
Cenário turvo e maternal abastecendo o  
Estômago dos filhos com  
*Tsholent & Guefilte Fish* pós  
Acender com a irmãzinha as luzes de  
*Shabat*  
Em *Iom Hasboá*.

Sei que não fostes a melhor mãe  
Chorando nossas mortes teu  
*Kadish*

Foi os filhos entregar e fugir para um  
Exílio dentro da própria  
*Galut*

Tecendo fumo no maço de palha numa  
Casa erguida a pau-a-pique como no  
*Shtetl* da infância dos teus  
Pais

Rejeitando sentimentos a fim de não chorar as outras  
Perdas tendo a bênção ou a  
Maldição de esquecer rebobinando uma opaca e  
Contumaz confusa  
Memória fixando a vista frente ao único neto de  
*Kipah* e dizendo

איך בין שטאַלץ פון איר, מיין זון  
Porque até a língua dos teus filhos  
Esqueceste... Esque... Es... א  
Como eles esqueceram tua sina e te  
Empurraram em um novo campo –  
TV Universal 14 horas por dia de  
Concentração!  
Comida *Treif*  
E pai nosso que estais no céu!  
“Maldito seja teu nome!”  
Extermínio do bom senso e do respeito e um  
Pilantra de *Iarmulke* pedindo  
Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos Dízimos  
Dízimos Dízimos para erguer o sacro  
Templo  
E profaná-lo em louvor daquele por quem  
Inúmeros bárbaros tentaram nos  
Exterminar.

Destreza! Destreza! Destreza!  
Degradando cada letra do teu sagrado  
*Sidur*  
Pensando que letras hebraicas quando pronunciadas segurando um  
Crucifixo

Curariam cadeirantes por mil reais e um  
Cartão de crédito com limite de quinze mil!  
Pedindo para além de  
Senha Carro Casa Celular Relógio

Janta do  
Filho  
Faminto.

Desgraçados! Cospem nas cinzas de teus pais e avós com um  
*Talit* sanguinolento envolto em maldição no corpo nefasto!  
Pulhas! Dizem serem amigos de Israel só porque amam nossa tradição  
Deturpando cada símbolo e  
Batizando Deputados no Jordão & os  
Convidando a espetáculos em clubes.

Vanidade! Profere o sábio quando abres teu  
*Tanach* de cento e vinte anos com três páginas  
Rasgadas – tua única posse no navio

Chamam tua família no asilo e pedem que te internem num  
Hospício pois não paras de gritar noite adentro despertando até insetos  
Declamando tua profética revolta ao assistir  
Corrosão & Perdição  
Daquilo por que há pouco seis  
Milhões queimaram e tantos outros  
Milhões no passado remoto de  
Saques Inquisições Pogroms & Massacres  
A fim de manter  
Sacro e Cintilante cada  
Ínfimo fonema em uma bela forma de rezar.

Sem dinheiro para uma internação mais cara te mandam para a  
Terra servil que te acolheu quando ainda transpiravas o  
Gás que matou tua família para enfim dizeres

Adeus.

& Chamar Hanna ao teu quarto  
Hanna que foi a única a te honrar mesmo com a  
Tragédia que afligiste a ela mas  
Soubeste agradecê-la enviando-lhe o teu  
Último  
Suspiro  
Sem o *Sh'má* sequer dizer  
Apenas o sopro que te deu a vida em Odessa para  
Fenecer e  
Retornar a  
Jerusalém.

Mas a mão antes beijaste do neto que  
Viajou milhas & milhas a vestir a indumentária  
Hassídica  
Dizer o teu  
*Kadish*  
E impedir que tentem colocar uma  
Cruz em  
Tua  
Lápide.

## ↳ Kadish

Santificado & engrandecido Seja o Nome  
No Universo criado tal a Sua vontade.  
Que estabeleça o Seu reinado & faça vir  
Em nosso tempo & em nossa vida a redenção  
Incontinente à toda Casa de Israel.  
(Bendito Seja o Nome Seu em todo o Tempo).  
Louvado Ovationado Reverenciado  
Engrandecido Venturoso & Elevado  
Notavelmente Seja o Santo Nome Seu  
Bendito sobre as bênçãos hinos & louvores  
Sobre todos os bálsamos & remissões  
Que possam ser pronunciados sobre a terra.  
Que seja vasta a avença que do firmamento  
Emana & graça sobre o Sopro sobre o pó  
Que verte Vida em toda a Casa de Israel.  
Aquele que decreta a paz em Suas Galáxias  
Conceda a paz em toda a Casa de Israel.

*Amém.*

## ▯ Soneto à Matriarca

Com que palavras – Matriarca minha –  
Daria a gratidão de minha vida  
A ti que desde a luz que me entregaste  
Afagas dores podas más ações  
& tinges de esperança o eu que é Teu?  
Zelando com divina sensatez  
Curaste cada vil acometida ação  
Ao filho que é presente teu tal diz  
O nome que escolheste ao chorar  
A perda tão sensível de uma filha  
& impiedosa esterilidade.  
Por certo o Uno tal fez a Raquel  
Olhou as tuas aflições e deu  
Aquele que há de amar-te em todo o tempo.



## ‡ Fome de Forma

Da natureza ainda que livre jamais  
Retomarei a forma neuronal de outrora  
Mas formas outras como as de Homero e Ezra –  
Sede os mestres de meu canto e por meu Cálamo  
O pigmento que execute os mesmos hexâmetros  
Aos sábios talmudistas de Jerusalém –  
A cada inflar do *átman* com gasosa Sarça  
Refaz-se a forma antiga mais aprimorada  
& e a cada inalação do ázimo voraz  
Com mais velocidade se perfaz a ideia  
E muitas outras a congestionar o cérebro  
Travando o Cálamo à procura de palavra  
Mais exata à finalidade deste hexâmetro  
Ou sílaba que soe consonante ao verso.

## ▣ Oferta Maximalista

Em prol do Precursor que pronuncia a Voz  
Elétricas palavras de cisão das águas  
Da foz do Nilo ao cubo à quarta à infinita  
Potência atravessamos em demoras ínfimas  
A ponta da lamínula das divindades  
Do nexu quando mede os versos de Catulo.  
Pois dádiva maior que se conceda a nós  
Não há por Este que afinou esticométrico  
Centenas de milhares de milhões de fios  
& permitiu que detivéssemos poder  
De sustentar o choque da fissão primeira  
Tranquilamente protegidos pelas letras  
Nervosas corrosivas & aniquiladoras  
Do Massorético & Versificado Verbo.

## ‡ Dádiva Seráfica

Jamais hei de esquecer da fascinante entrega  
Do Cálamo Maximalista – ó Seraphim –  
Que verde prolifera a Flora desde a Voz  
Do Uno a semear na terra em densa névoa  
Vindouras flores que são ervas insondáveis  
Cuja macela campesina me conduz  
A celebrar a muscular tensão do *Neúron*  
Tal Sarça que anuncia ao gago o vaticínio  
& apelos de coragem em velejar à luz  
Do início os lagos de papoula e de papel.  
Coragem – ó Cientista Louco da Linguagem –  
Me assaltas com venenos psilocibina  
& perco-me entre imagens & velocidades  
Ao corroer os nossos cérebros com ázimo.

## ▣ Ezequiel 37

A Sarça do Senhor nublou a minha vista  
E Ele as minhas ocas vias enublou  
Com êxtase abrasante enalteceu meu cérebro  
A um vale imerso em muitos ossos ressequidos.

Conduziu-me em torno deles cauteloso  
E eis que eram numerosos sobre a face  
Do vale e constatei estarem mesmo áridos  
Assim como outonal folhagem morta  
Ou clavicórdio em diminutos tons estios.

A Névoa soberana a mim então rugiu –  
Discípulo de Homero! Porventura o Sopro  
Impulso na infertilidade há de verter? –  
Soprei – somente Tu És Dono do porvir

Sua réplica Soprou então o Inominável –  
Despeja sangue sobre os ossos para ungi-los  
Do Cânone conforme Meio Modo & Tema –  
E diz – qualquer que seja a seca neste vale  
Devemos esperar pelo Soprado Verbo.

Ouvi o bálsamo que a vós do Sopro cai –  
Eis que o corrupto enlace de sintaxe atroz  
Hei de romper pós prontamente desatar  
Os nós do amontoado torpe de palavras  
E assim Eu Sopro decretando – Vivereis!

Os nervos hei de vos atar como adereço  
Será tal qual cesura adorno sulcador  
Prediz a vestimenta métrica da carne  
Já pronta a auferir o ornamento dérmico  
De análoga estrutura e arranjo à sacra rima  
& logo em vós o *átman* há de vir do Sopro  
E a Voz do Aedo proclamando – Eu Sou o Verbo.

Então profetizei tal como deu-me o Uno  
A ordem perfilando Sua orquestra física  
À qual as forças do primórdio eram regentes  
Do *Allegro* em veraneio fertilizador  
Que cada osso ao seu igual faz imantar.

Olhei e vi a neve lhes sorvendo nervos  
Atavam os dispersos ossos um a um  
Investigando seletas afinidades.  
Atados cada um ao seu me percebi  
Selando a caixa amadeirada de Beethoven  
Moldada como Arca! Detentora Atroz  
Guardava a sinfonia nona ainda inédita!  
Assim a carne sobre os nervos espalhou-se  
Inane como se soubesse que do pó  
Não veio e tornará enfim ao raciocínio.  
Moldou-se a pele a eles se formando um corpo  
Mas inda careciam de cadência psíquica.

Outra vez respirei & tão logo Ele diz –  
Profetiza ó Poeta ao espírito ausente  
Repita estas Palavras que da Sarça emanam –  
Espírito! Da sinfonia venha ao corpo  
Soprando a fim de que eles vivam novamente.

Clamei tal ordenado após a pausa acima  
Entre as estrofes e vieram sobre eles  
Ritmado espírito do Sopro guardiões  
& a ossada enfileira-se tal grande exército  
Trilhando o solo em busca das terrenas placas  
Levanta Homero duas placas segurando  
Virgílio apenas uma Milton o paraíso  
Camões as Armas e os Barões assinalados  
& *Il uomo nel mezzo del camino* além  
Detinha purgatório inferno e paraíso  
& outros sábios incontáveis perfilaram-se.

Perplexo um Trago soberano me arremata  
Ao fogo ardente קנמן-בסם do Sinai  
& se perfaz de Verbo sibilante a mim –  
Do Criador do Cálamo – Homero ouça  
As instrutivas normas – Atenção ao zelo  
Indesviável rota deve ser na trilha  
Do pensar pois romper é nada mais que ápice  
O zelo há de elevar-te a condição de rei.  
A rima o metro & o ritmo hás de ponderar  
Ali por certo há de prostrar-te possuído  
Pelas Musas com Cálamo inquieto a esticar  
Incandescente trama em pergaminhos cegos  
Tamanha árida tenacidade opaca.  
Mas eis que elejo a ti o encargo de alvejá-lo  
Recorda todavia que o regresso é fácil  
& tateável! Basta ouvir o som da Letra  
Reveladora tácita dos Nomes cálidos.



O Inenarrável disse logo após Homero –  
Discípulo do Heleno! Eis enfileirada  
A guarnição de toda a moradia Máxima –  
Eis que dizem – secaram toda a nossa ossada  
Os vis tiranos da poética iletrada.  
Seus dísticos de atroz sintaxe infertilizam  
Qualquer campina que sustenta sua pisada.  
As fraturas que a nós infringiram têm cura  
Caso o cetro conquistés com zelosa astúcia.

Portanto profetiza-lhes conforme Digo –  
Eis que o sepulcro vosso Eu abrirei no Olimpo  
Conforme o Sopro dado ao pó que Adão Moldou  
Subir de vossas sepulturas vos farei  
& vos trarei pela neblina desta Sarça  
À gruta da Poética Maximalista  
Destarte sabereis quando romper as tumbas  
Alçando-vos ao Sumo Sárco... que Sou.

Porei em vós o ázimo – inalado Espírito –  
Que a vós conduzirá certo à vossa terra  
À qual de erros & rugidos semeei  
& sabereis que Sopro Digo Faço & Sou.

E veio a mim o Verbo do Senhor Sizendo –  
Encontra a tábua de madeira e nela escreve  
Segundo Minha Voz calada desde o Êxodo –  
Por Einstein & sua relativa partitura  
Sobreluzir matéria quantifica enérgico  
& pelos companheiros teus Maximalistas.

Empunha outra lasca de madeira e escreve –  
Por ti Ernesto Manuel de Melo e Castro  
Por ti estância da morada Maximal.

& cada qual ao seu ajunta tencionando  
Formar indivisível Cálamo em tuas mãos.

& quando ousarem perguntar a vós dizendo –  
Acaso dos poemas não revelarás  
Segredos incutidos sobre cada verso? –  
Tu hás de responder-lhes emulando o Soprano –

A Vara de Moisés tomada por Aarão  
Salmista Lira de David matéria-prima  
A Feba Lira sequestrada por Homero  
Ajuntarei tornando uma só Lira que há  
De perfazer-se único instrumento rítmico –

& a Lira que moldada houveres sobre tinta  
Inane tomará perante os olhos deles  
De tuas mãos a forma o alvo o modo e o meio  
& eis que o Verbo tomará de Homero os filhos  
Dentre as nações de néscios e há de os embarcar  
À nau assinalada por Maximalismos.

Nação indivisível os farei na terra  
De Sarça e Ázimo repleta sobre eles  
Razão será Monarca e nunca mais dispersos  
Serão na insipiência vil semeadora  
Do surto de existência infertilizador.

Jamais serão contaminados por seus ídolos  
Parnaso marginália & torpe egolatria  
Tampouco por sintaxe fora de compasso  
Por transgressões de prosa recortada em verso  
& os livrarei de tola habitação sofista  
& os livrarei de toda sordidez sorvida  
Assim serão Meu povo & Eu Serei Silêncio.

Meu servo Homero servirá o banquete Máximo  
Reunindo todos os poetas degredados  
Os quais serão modelo à vossa profecia  
Que guardará Meus estatutos observando  
As convenções das Eras Fertilizadoras.

Heptadimensional terreno expelidor  
Do Ázimo a poeira & da Sarça a Névoa  
Habitarão sobre a centelha transitando  
A *Pólis* o Deserto & os infinitos tempos  
De seus pais de seus filhos e deles a prole  
E Minha força gravitacional em pesos  
Quânticos hão de eternamente os governar.

Farei convosco uma aliança racional  
Por pressuposto de vos conduzir centrífugos  
Ao sumo ápice da fenda temporal  
Pairando ali porei Meu Verbo em vosso meio  
& estáticos e conscientes sem ressalvas  
Jardins de referências e totalidades  
A vós serão auxílio! A vós Maximalistas!

Meu Sopro habitará convosco e saberão  
Destarte que a razão pondera vossos versos  
& saberão que o Verbo a dúvida decifra.

& os néscios saberão que Sou e que convosco  
Altero a dimensão do caos em decassílabos  
Tempero a dimensão do tempo em versos livres  
& encerro a dimensão ciente em alexandrinos –

Fechou-se a fenda e novamente estava estático  
Em mãos o Cálamo tecendo a profecia  
Atrás do vale estava Ezequiel perplexo  
Por mim Alexandrinos versos recebendo.  
Pensava Ser Inominável vaticínio  
A Sombra ao Vale imersa em ventre enevoadado.

## ☪ Matéria Escura

O Navegante da suprema eternidade  
Detém o germe das estrelas que em Seus braços –  
Que abraçam anos-luz – penetra uma englobante  
Esfera nas arestas temporais do espaço.  
Equacionando a natureza do infinito  
Alcança o Epicentro e sente o centro Ser  
& Estar em todo o firmamento constelado  
& Magnético o qual cruza sem cruzar  
Traçando – ponta-a-ponta – a Sua trajetória.  
Oeste a Leste & Norte a Sul equilibrando  
Os astros & os planetas com esticológicas  
Celestes estruturas cósmicas no fulcro  
Do interminável horizonte do Universo –  
Planura plena que do pleno Nada ata a  
Infinidade.

## ¶ Jornada (À Janaína Madeira)

Ao cândido luzir do lume espiralado  
Em fina malha arremessado quedo estático  
Na teia estilhaçada & trêmula do vórtice.  
Em solitários & omissos céus lacei  
Cifras de supernovas & buracos negros  
Astros gigantes de uma mínima luz – treva  
Que mesmo ínfima escurece o espaço opaco –  
De massa em que a matéria nos reserva o Fado.  
Fremi as garras entranhadas ante as trágicas  
Amarras a cerzir o fim que nos governa.  
Tecemos odes ao narrarmos Teus mistérios  
& ao rasgo que jamais eclode no fulgor  
Do grito quando o barro nos agarra à quântica  
Ciência a nos saldar a sina de expandir.

## ↷ Big Bang

Descortinando ausências nunca navegadas  
Ao Vórtice invencível do princípio mínimo  
Que imerso na grandeza da fusão repousa  
Elétrico em portais secretos de outras Eras.  
& a quem se abriram tais atalhos – através  
Da indômita bravura de assumir a Sina  
& armar-se da ciência da linguagem rítmica –  
A dádiva de vislumbrar as deslumbrantes  
Cordas Vocais do Inominável concedeu-se  
Em Versos que Se dobram para além dos círculos  
& polos magnéticos vertendo válvulas  
De travessia através do que não vemos  
Pois mínimas partículas seremos – menos  
Ainda que o cristalizado tetraedro.



## ♣ Doze Trabalhos

É tempo de ouvir ó linhagem de primatas  
As linhas que ocultei nos cantos dos espelhos –  
A Teogonia Massorética é o cálculo  
Famélico do pensamento que se enleia  
Além do Cálamo letal que assinalou  
Ao converter o vácuo em nada mais que vácuo  
No máximo vazio o mínimo Princípio.

No tempo em que fez uso da Divina imagem  
O homem libertou a lírica lasciva  
Compôs um mito com os versos que restaram  
& escuso nos esgares por detrás da Pólis  
Grafou tablados com hexâmetros datílicos.

A Voz que aparta as águas saqueou à força  
& declamou seu Épico tecido à Ira –

Percebeis ó Maximalistas?  
Se não desata da memória os nós  
Meu ostracismo percebo ao firmamento  
Névoa tão opaca a vossa ânsia aquietando com  
Promessa de infinita dispersão além do espaço  
Contentado pelo cômodo assento do  
Silêncio além vossa semente espalhará das  
Tirantias sociais eclesiásticas & artísticas.

Sabeis ó Maximalistas?  
Sabeis que promessas acarretam sacrifício?  
Sabeis que sacrifícios acarretam lealdade?  
& sabeis que lealdades acarretam retidão?

Estais cientes ó Maximalistas?  
Cientes de que mesmo quando insuportardes  
Vosso Fado os círculos de fato se abrirão os  
Ritmos serão libertos & a chaga  
Temerá o vosso  
Ímpeto?

Eis ó Maximalistas  
Vossa sina irreversível!  
Vossa Bíblia intergaláctica!  
Eis a vossa dúzia de trabalhos –

**α**

O Verbo descrever com refinada distinção –  
Destacando cada cicatriz ainda que  
Prevista seja a extinção em via dos naufrágios  
Viciados no oceano vosso do Cálamo de  
Tantos *sapiens* implacáveis corroendo o  
Ego & o Rasgo  
Primordial do Verbo.

**α**

**β**

Fundir o verso nos neuroniais circuitos  
Calculando cada aresta na fissura em  
Decifrar esboços de equações tal se  
Confinaram os poetas de outras Eras  
Com domínio pleno sobre a tecnologia da  
Linguagem & conversão do nada em  
Reduzido  
(Ainda infinito)  
Nada  
Até que descobrissem novas Travessias.

**β**

γ

Situar o valor exato das incógnitas  
A fim de resolver o enigma do Cartógrafo  
Que concebeu o mapa e a bússola da múltipla &  
Heptadimensional Planície do Universo.

γ

**δ**

Delinear variações na  
Lei da Relatividade a qual  
Regeu o Verbo e ainda há de reger por  
Todos os tempos dos tempos & que  
Nada mais é do que a outra ponta dos  
Espaços expandindo a outras margens  
Vias luminosas e explosões.

**δ**

ε

Findar qualquer corte  
Autoritário aos metros –  
Velados ou Frisados.

ε

ζ  
Dilatar os tempos dos  
Relógios um a um com a  
Precisão das cálidas  
Metáforas que ao rito da  
Explosão alinham grãos  
Transcósmicos no sensitivo enigma do  
Fim que É epicentro  
Ou  
Fim que é Próprio Fim.  
ζ



η  
Subir no encalço dos Profetas  
A montanha erguida sobre  
Pedras de hemistíquios fincando ante a  
Ofuscante Névoa os pés na neve  
& legislar as Leis de Plantas sobre Pedras.  
η



Orbitar as supernovas perseguindo o  
It além das pontas & o It  
Além dos métodos comuns de  
Aplicação sintática aos alexandrinos  
Ao deixar vestígios das audácias  
Destrutivas sobre caudas de cometas.



↓  
Atingir ao grau de ebulição dos  
Signos

⌘  
Elementos  
Das atômicas partículas do  
Verso

A fim de transformar  
Em outros signos

⌘  
Os mesmos Signos.

↓

**K**

Instituir a extinção do Clero  
Estilhaçando as máscaras no  
Carnaval da eleição do novo  
Guardião dos saques  
Omissor de todos os massacres  
Perpetuador da perversão.

**K**

λ

Deter em seu caminho

Espesso & Perfilado

O vírus da aspirante estrela destrutiva

Disposta em tesas malhas de galáxias.

λ

μ

Saltar nas profundezas da energia escura  
E densa do Universo com leveza esguia.  
Cezir em liga etérea pelas águas várias  
Os flancos destas asas que percorrem ímpares  
O vácuo de infinitas dizimais constantes.  
Possessos da saliva que restou do Verbo –  
Que consta em mil quasares de Galáxias lidas –  
A fim de que se escreva a Poesia Máxima  
Em todos os possíveis Universos mortos –  
Que juntos & alinhados o Falar do Aedo  
Ecoam – a voraz constelação de trépidas  
Estrelas alternadas – Teogonias célebres –  
Que avivam novamente alternativas vastas  
Do tempo que se foi no espaço opaco e gris.

μ

שמעו!

## Maximalismo, não Niilismo

### Todas as formas, não forma alguma

*Neûron*, no grego Arcaico, não *Árcade*, quer dizer corda, corda para te amarrar, e também corda da lira, que te amarra mais. *Harmonía*, do mesmo grego, é cravo, não o cravo da cruz, mas o de encontro de *Neûra*, nódoa. Barroca, espelho dos pensamentos: centro do quiasmo.

O termo Maximalismo vem da música, ele foi introduzido, em 1983, pelo compositor brasileiro Flo Menezes. Em suas próprias palavras: “o Maximalismo consiste na elaboração de múltiplas referencialidades”. Atenção, elaboração de múltiplas referencialidades não pode ser confundida com citações de obras alheias; isso pode até estar presente na ação maximalista, mas se trata, antes de tudo, de desenvolver elos entre as estruturas das obras, e não entre suas superfícies.

No Maximalismo, a construção das referencialidades se dá exclusivamente nas tramas do pensamento; o poeta domina a inspiração, e não o contrário. Calimaquiana, a poética maximalista é a da *poikilia*, a da mistura e da pluralidade de gêneros. Alexandrina, seu mito fundador brota da hierogamia de outros mitos.

Tal qual Odisseu, o industrioso, com *neûra* e *harmoníai* ata sua nau espacial, para singlar o infindo mar retumbante.



O Selo Neuron – nascido na década de 10 do século XXI, em São Paulo – tem o propósito de reunir obras representativas da arte cerebral brasileira, aquela que prefere o nexo ao plexo. Na cena Contemporânea, esta sorte de arte é taxada de academicista, fria e, no último grau da estupidez, mecânica. O cérebro, porém, não é inimigo do humano, mas a única porta para escapar da mesmice hodierna, da embriaguez dos sentimentos e, segundo o filósofo Ricardo Rizek, da subjetividade vulgar. O pensamento é sempre concebido na matriz de uma forma: linguagem verbal, sinfonia, tela, tragédia, programação computacional e soneto... até a conversa do dia a dia tem suas formas. Ausência de forma é bestialidade. As linguagens são suporte do pensamento, fonte e desenvolvimento de todas as coisas. Pensar é sempre pensar em estruturas, aboli-las é abolir o pensamento: desvario, vã tentativa de transcender a intransponível condição (por enquanto) humana. Em cada uma de suas publicações, o selo Neuron busca dialogar com diferentes dimensões da mente. Caro leitor, fica aqui nosso convite para embarcar a *psyké* nessa viagem...

*Ouvi!* é uma realização  
do selo Neûron  
produzido e organizado por  
Antonio Vicente SERAPHIM PIETROFORTE  
e RODRIGO BRAVO  
Grupo Neûron de Literaturas Experimentais